

Coisas vivas: Diário de um processo coletivo

Tenho pensado na minha experiência como mentor na residência do Instituto MECA menos como um lugar de direcionamento e mais como um espaço de escuta, troca e construção conjunta. Aos poucos fui entendendo que meu papel ali não era necessariamente oferecer respostas ou conduzir caminhos, mas criar condições para conversas honestas, sensíveis e abertas ao processo de cada artista. Existe algo muito bonito em perceber a residência como um campo de encontros: um espaço onde artistas, curadores, ideias, memórias e territórios se atravessam o tempo inteiro.

Tenho aprendido muito sobre como nos permitir ser afetados uns pelos outros dentro dessa dinâmica. Existe uma horizontalidade muito forte nesses encontros. Em vários momentos, senti que estava aprendendo tanto quanto acompanhando — talvez até mais. As conversas acabam funcionando como pequenas pausas dentro do ritmo acelerado das produções para exposições, das relações com a carreira artística e das pressões externas e internas do cotidiano. Elas criam um espaço onde ainda é possível pensar junto, desacelerar e observar o que cada pesquisa está tentando dizer antes mesmo de ganhar uma forma definitiva. Mais do que acompanhar pesquisas individuais, sinto que a experiência da residência também revela a importância do coletivo. Mesmo partindo de universos muito diferentes, as práticas acabam criando pontos de contato inesperados: o mar, os deslocamentos, a memória, os seres vivos, o território, a passagem do tempo, os saberes ancestrais, os ritmos da natureza. Aos poucos essas relações começam a aparecer não apenas nas obras, mas também nas conversas, nas dúvidas compartilhadas e na forma como uma artista passa a olhar para o trabalho da outra.

Fiquei atravessado pelas conversas com Anna Livia Tabora Monahan, sobre a travessia, contemplação e paisagem. O mar e a ilha apareceram como presenças constantes, junto das relações entre Rio e Niterói, Ilha da Conceição e Manhattan (duas ilhas onde a artista estará em residência artística este ano), das aves, peixes e deslocamentos silenciosos entre memória e observação. Em muitos momentos parecia que o trabalho de Anna tentava criar espaços de pausa dentro da velocidade da cidade. Gostei especialmente quando ela falou das garças e dos peixes, e da delicadeza dessas relações entre seres que coexistem no mesmo espaço. Aos poucos surgiram lembranças de infância, das paisagens que ela passou e de uma atenção muito sensível às pequenas atmosferas do cotidiano, que, de alguma maneira, influenciam suas pinturas com um jogo de sombras fundamentais para nos transportar para um lugar onírico e misterioso. Os pontos de luz conduzem nosso olhar pela tela, nos transportando para um sonho — ou para um lugar desconhecido, onde talvez nunca tenhamos estado, mas que, de alguma forma, conseguimos imaginar habitar. Um lugar onde a fronteira entre memória, paisagem e imaginação deixa de importar.

Com Mayra Carvalho, a conversa girou em torno do tempo. Tempo do metal, da oxidação feita pela água da Baía de Guanabara, do desgaste, da transformação e do voo. As chapas escuras, os cortes e as ranhuras pareciam carregar diferentes estados de duração dentro delas. Falamos sobre pássaros, revoadas e movimentos coletivos no espaço, e senti uma força imensa como ela aproxima algo tão pesado como o metal de uma sensação de leveza e deslocamento. Na contemplação, há em sua obra uma atenção especial às mudanças atmosféricas da luz e à maneira como ela organiza o mundo ao nosso redor. O trabalho de Mayra nos convida a refletir sobre como uma matéria pode ser capaz de guardar marcas do tempo e da memória. É como se fosse possível arquivar um sopro, um raio de sol, um voo ou uma batida de asas.

A pesquisa de Ana V. Lopes trouxe uma relação muito forte com os seres vivos e com a ideia de coexistência. Estrelas, antas, tartarugas, águas-vivas, sapos e bromélias apareciam como presenças conectadas por diferentes temporalidades. Minha primeira pergunta para Ana V. ao ver seu trabalho foi:

“O que esses seres têm em comum?”. E uma resposta simples como “eles estão todos presentes na Costa Verde”, lugar onde a artista nasceu, me fez retornar às minhas próprias raízes, lembrando da minha conexão com essa paisagem e da importância de preservar não apenas nossa memória afetiva com nossos lugares de origem, mas também tudo o que eles ainda carregam de vivo.

Fiquei inspirado quando a Ana V. falou da anta como símbolo do retorno da floresta e da regeneração da terra. É profunda a maneira como ela pensa o mundo não como algo naturalmente dividido, mas fragmentado pelas estruturas humanas. A força do trabalho está justamente em colocar seres não humanos como protagonistas de sua narrativa. Ao deslocar o ser humano do centro da cena, Ana propõe outras formas de perceber o território e as relações que o constituem, questionando hierarquias estabelecidas entre espécies e formas de vida. Suas esculturas nos convidam a olhar para esses seres com mais atenção, lembrando-nos da importância de preservar não apenas os animais e plantas que habitam essas paisagens, mas também os próprios territórios que tornam suas existências possíveis.

A conversa com Yaka Huni Kuin ficou profundamente marcada pela relação entre pintura, memória e floresta. Ela contou que começou a pintar ainda na beira do rio, observando a rotina, a família e o território ao redor. Em algum momento ela disse que foi a floresta que a ensinou a observar, pensar e pintar, e essa frase continuou comigo depois do encontro. Falamos sobre os cantos tradicionais Huni Kuin e sobre como eles passaram a ser traduzidos em pintura, criando telas que carregam ritmo, movimento e conhecimentos ancestrais. Senti a força quando ela falou da pintura como uma forma de defesa e também de aproximação, seu trabalho é uma maneira de criar contato, respeito e escuta entre diferentes mundos. É um trabalho que nos convida a pensar e sentir a arte como uma ferramenta que conecta pessoas, culturas e tradições.

No final, tenho sentido que um programa de residência artística — assim como uma exposição de arte — não se constrói apenas através das obras apresentadas, mas principalmente através das relações que surgem entre todas as pessoas envolvidas nesse processo. Isso inclui também o público, que afeta, transforma e inspira esse coletivo de maneiras muitas vezes silenciosas, mas profundamente especiais. Existe algo muito precioso no gesto de alguém decidir atravessar um território, entrar em um espaço expositivo e compartilhar conosco aquilo que talvez seja hoje o bem mais precioso na vida: seu tempo, sua presença. Gosto de pensar a exposição como um espaço de encontro. Um lugar onde diferentes sensibilidades, memórias, vivências e formas de perceber o mundo podem coexistir e se atravessar, mesmo que por alguns instantes. É essa dimensão relacional que mais me interessa no processo e também na escolha de vida de trabalhar com arte contemporânea. Perceber como práticas artísticas e curatoriais podem se complementar, criar vínculos e fortalecer formas mais coletivas, afetivas e generosas de imaginar, pensar e existir junto.

Danniel Tostes